

## Corsino Fortes: Para uma celebração da poesia caboverdiana

**Rosidelma Fraga**

E-mail [rosidelmapoeta@yahoo.com.br](mailto:rosidelmapoeta@yahoo.com.br)  
Docente da Universidade Federal de Goiás  
Campus Jataí

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo realizar uma leitura da obra de Corsino Fortes, destacando alguns momentos históricos da literatura cabo-verdiana. O texto aborda momentos decisivos das revistas *Clareza*, *Certeza* e *Távola redonda* e busca contextualizar a obra do poeta na dialética de permanência e partida que muito se ocupa a poesia do país. Diante dessa discussão, objetiva-se encontrar um lugar para o poeta, explicitando as marcas *sui generis* na *poiesis* da pedra e na celebração da imagem no Arquipélago. Sob esse prisma, discute-se a celebração no sentido de pensar na identidade nacional e no retrato poético que o sujeito lírico realiza ao cantar a nação, pintando a beleza das ilhas cabo-verdianas por meio do banho de metáforas que remetem à veia do erotismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corsino Fortes; literatura cabo-verdiana; celebração; erotismo.

### Corsino Fortes: towards a celebration of cape verdean poetry

**ABSTRACT:** This paper aims to present a reading of Corsino Fortes with an emphasis in some historical moments of Cape Verdean literature. The text discusses turning points of *Clareza*, *Certeza* e *Távola redonda* (*Clarity*, *Certainty* and *Round Table*) magazines, and seeks to put the poet's work in context of dialectic of permanence and departure which is a constant theme of Cape Verde's poetry. This discussion aims to find a place for the poet, making explicit the *sui generis* traces which *poiesis* has of the rock and the celebration of the image in the Archipelago. Under this light, the paper discusses celebration in the sense of thinking national identity and the poetic presentation the lyric subject brings when he sings the nation, painting the beauty of Cape Verdean islands by means of a metaphor flood that allude to eroticism.

**KEYWORDS:** Corsino Fortes; Cape Verdean literature; celebration; eroticism.

O poeta Corsino Fortes nasceu em Mindelo, ilha de São Vicente, Cabo Verde, em 1933. Sua poesia possui marcas e um estilo *sui generis*, com uma carga imagética e metalinguística que aflora tanto a memória lírica, individual, quanto a memória épica, coletiva, no que tange ao sentimento do poeta sobre a nação. Falar da lírica de Corsino Fortes implica antes tratar da integração regional do arquipélago de Cabo Verde, localizado na África Ocidental, escolhendo-se o texto *Estado Nação e os desafios da integração regional: o caso de Cabo Verde*, do geógrafo José Maria Semedo (2008, p. 1), que destaca:

Cabo Verde vem enfrentando os grandes constrangimentos de territórios insulares que ascenderam à independência: os custos da insularidade, a descontinuidade territorial, a carência de recursos naturais básicos como a água, o solo, a biodiversidade, os minérios, a reduzida capacidade de carga territorial.

Nos meados do século XV, o povoamento do país se deu por colonos europeus e escravos trazidos da costa africana, resultando um cruzamento de gentes e culturas que atribuiu características muito próprias a Cabo Verde. Apesar das dificuldades ecológicas e da forte presença da seca, durante décadas, Cabo Verde “conseguiu traçar um quadro suficiente para a sua elevação à categoria de Estado de desenvolvimento médio e transformar-se num foco de acolhimento de migrantes provenientes da vizinha costa ocidental africana” (SEMEDO, 2008, p. 3). Trata-se de uma nação de diáspora, com um alto percentual de descendentes em terras alheias, em universos linguísticos e econômicos diversos, que “mantém uma expressiva continuidade cultural como elemento de identificação e canal de difusão da criouldade num mundo em globalização e forte ligação à terra de origem”.

É desse crioulo que, muitas vezes, o poeta Corsino Fortes se utiliza, sobretudo com a preocupação de difundir os aspectos das ilhas, de demarcar os castigos da seca, da fome e da miséria. E o faz sob a ótica da poesia épica que se renova na celebração da identidade insular e se mostra no processo de libertação da opressão, diante do fato de o cabo-verdiano pretender libertar seu país, não querer sair de lá. Mais precisamente, a identidade insular se vê no universo de antipasárgada, da luta pela independência, como é o caso da primeira obra da literatura cabo-verdiana, *O galo cantou na baía*, do escritor Manuel Lopes (1936).

Sobre o caráter épico da poesia de Corsino Fortes, Maria Turano (1997, p. 485) afirma que há uma renovação no seu fazer poético, uma vez que o sujeito lírico

“reformula, refunda e celebra em termos épicos e míticos a própria identidade, concebendo-a em formas sacras e simbólicas”. A identidade insular, na poesia de Corsino Fortes, aparece em dois níveis. No primeiro, pela representação da vida material, em que a ilha “se encontra num triângulo cujos outros dois ângulos são constituídos pela chuva. A ilha é atravessada pela terra seca”. No segundo nível, a ilha é expressa pela condição existencial.

No que diz respeito à produção poética de Corsino Fortes, com base na cronologia, verifica-se que, até meados da década de 1960, ele havia publicado apenas algumas poesias no jornal do 3º Ciclo Liceal (1957), bem como no *Boletim de Cabo Verde*, no último volume da revista *Clareza* e na *Antologia da moderna poesia cabo-verdiana*. Somente em 1974 ele teve seu primeiro livro publicado, *Pão e fonema*. O livro divide-se em prólogo e em três cantos. O primeiro canto intitula-se “Tchon de pove tchon de pedra”, numa língua crioula, o segundo, “Mar & Matrimônio” e o terceiro, “Pão e Patrimônio”, todos com um conjunto de quinze poemas, formando a obra inteira, portanto, 45 poemas longos.

José Francisco Costa (2006) explica que a obra *Pão e fonema* é o alargamento de uma metáfora que se inicia com o título: “O povo tomou conta da sua terra (o Pão) e do seu destino (a fala que dá nome às coisas, que indica posse)”, salientando que, nesta obra,

[a] utilização do crioulo em muitos poemas é intencional, uma vez que fala, anterior à escrita, é o grande sinal da liberdade que se tornou patrimônio, tal como a terra. Daqui o subtítulo do canto primeiro – *Tchon de Pove Tchon de Pedra*; daqui também os subtítulos de outros dois cantos – *Mar & Matrimônio* e *Pão & Matrimônio*.(COSTA, 2006).

A poesia do cabo-verdiano se traduz por como uma “épica fundacional”, conforme explicita Ana Mafalta Leite (2001), ao descortinar a poética de Corsino Fortes no posfácio de *A cabeça calva de Deus*. Esta segunda obra do poeta – *Árvore e tambor* – divide-se em cinco cantos, com proposição e prólogo no começo e fim do livro. O primeiro chama-se “De manhã! Os tambores amam a chama de palavra mão”; o segundo, “Hoje chovia a chuva que não chove”, o terceiro, “O pescador o peixe e sua península” – dividido ao meio com “Onde mora a mão e a viola do artesão” –, o quarto, “Odes de Corsa de David”, e o último, o quinto, “Tal espaço & tempo”.

Em 2001, Corsino Fortes escreve *Pedras de sol & substância*, que é uma das obras centrais de comparação com os dois poetas brasileiros que constituem o objeto de pesquisa. Atualmente, essas três obras estão reunidas na trilogia *A cabeça calva*

de Deus (2001). A obra de Corsino Fortes está editada em antologias em língua portuguesa, inglesa, francesa, italiana, holandesa, dentre outros idiomas.

*Pedras de sol & substância* divide-se em três cantos, antecedendo-lhe, na apresentação, o “Oráculo”, uma espécie de intróito ou prelúdio de peças musicais como as de Mozart, Bethoveen e outros. O primeiro canto é intitulado “Sol & substância”; o segundo, “Vulcão e vinho do próximo verão”, subdividido em: “1. Litografias para as festas de São Felipe” e “2. Gosto de ser a palavra na prosa de Aurélio Gonçalves”; o terceiro, “Do deserto das pedras à deserção da pobreza”.

Corsino Fortes sofreu intervenção poética dos claridosos no que se refere, sobretudo, ao canto da terra de Cabo Verde, mas com uma grande inovação da apresentação temática dos poetas de Cabo Verde, no período de 1962 a 1974, que aperfeiçoaram o evasionismo e o terralongismo. Arnaldo França (1997), no artigo intitulado “A literatura cabo-verdiana no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa”, explica que o movimento claridoso teve seu berço na ilha de barlaventista de São Vicente, muito cantada na poesia de Corsino Fortes. A literatura de Cabo Verde teve como grande relevância o período claridoso, demarcado pela revista *Claridade*, cujos integrantes denunciaram a barbaridade da seca, a miséria, a fome e buscaram a independência de Cabo Verde e, por excelência, a sua identidade. Cronológica e socialmente, seria um período que se aproxima das produções de 1930 no Brasil no que se refere à região do Nordeste e à temática dessas obras. Corsino Fortes estaria inserido no período apenas pela temática e não pela época, uma vez que o poeta nasceu em 1933 e o último claridoso foi Manuel Lopes. Contudo, Corsino Fortes é considerado um continuador dos ideais do grupo de escritores da revista *Claridade*, que coincide com o terceiro momento do modernismo brasileiro

A obra de Corsino Fortes pode receber a mesma caracterização das “duas águas” que a crítica no Brasil fez à obra de seu mestre João Cabral de Melo Neto, pois na primeira obra do poeta cabo-verdiano, ressalta-se um surrealismo de *Pedra do sono*, mas com um fundo de erotismo e denúncia social por meio da nudez do homem, mas uma nudez que simboliza a ausência de alimento, de água e de busca pela sobrevivência. Já em *Árvore e tambor* e *Pedras de Sol e substância* o leitor percebe que o poeta se preocupa mais com o trabalho com a pedra que é menos letárgica e mais concreta. Conforme Georges Bataille (1987), o sentido da nudez é objeto de um rito que comunica aos homens sua essencialidade, isto é, seu erotismo. A presença da nudez retoma a relação com o sagrado. Para o leitor encontrá-la no texto poético, ela deve se apresentar ao sujeito enquanto objeto sagrado. Neste caso, a roupa surge

assim como o artifício que redimensiona a nossa relação com o nu. A nudez aparece na exposição do cabo-verdiano com os “ombros nus”, que “à beira-mar” ergue “as costelas” frente ao trabalho no arquipélago. Daí uma nudez que não só demarca o erotismo, mas simboliza a ausência e/ou carência de alimento ou demarca a fome. Trata-se de uma veia erótica que pode ser lida nos versos do poema “Meio dia”, de *Pão e fonema* – “A nudez do ombro/pelo cereal dos dias” –, ou ainda no poema “De pé nu sobre o pão da manhã” (v. 1-3, 20-28):

Desde a manhã os pés  
Estão nus ao redor da ilha  
Nus de árvore nus de tambor  
[...]  
À boca do povoado  
Ao vento gordo sabor a fiambre hálito  
De pão novo  
À beira-mar erguemos as nossas costelas  
À promessa pública do mar E  
À beira-mar navegamos  
Com mãos menos mãos  
Com pés menos pés  
De proteínas  
(FORTES, 2001, p. 44).

A poesia de Corsino Fortes demonstra, entre tantas características, essa veia erótica que simboliza ausência, súplica, vazio, esperança e labor nas ilhas cabo-verdianas. Em alguns poemas, é curioso notar a presença do vento que ora é benéfico, ora prejudicial em Cabo Verde, como será demonstrado ao longo deste trabalho. Há momentos em que o cabo-verdiano quer partir e outros em que prefere ficar. Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2004) menciona que os autores de Cabo Verde repensam a dialética da partida e da permanência porque questionam o sofrimento das mulheres e crianças que trabalham no arquipélago e discutem acerca da “importância da chuva para o ressequido universo das secas que assolam periodicamente o Arquipélago” (SECCO, 2004, p. 223). Essa dialética de partir e ficar reside no poema de Corsino Fortes:

*Nova Largada*

Oh ídolo de pouca terra  
De coração a bombordo  
Naquela homilia /  
De terra & sangue /  
Em transfusão /  
O peito já louco de marulho  
De coração a bombordo

(FORTES, 2001, p. 27).

Percebe-se, em “Nova Largada”, a possibilidade implícita de o sujeito encontrar o paraíso por meio da visão mítica de Pasárgada que ocorre dentro do universo da ilha. O conflito encontrado nos versos: “O peito já louco de marulho / de coração a bombordo” se emerge diante das possibilidades de permanência e partida. Corsino Fortes produz uma poesia nostálgica e social, instaurando o espaço do imaginário visto pelo evasãoismo e pelo sonho como busca o retirante do Nordeste. Em outras palavras, o fato de o cabo-verdiano oscilar entre a partida e a permanência em Cabo Verde se explica pelos momentos de Pasárgada e de anti-Pasárgada. Ora, Corsino Fortes, entre outros poetas, dialogando com o tema de Pasárgada de Manuel Bandeira, explicita o sonho do paraíso, demarcado pela fuga (evasãoismo), mas também não deixa de pensar no retorno, na resistência, na luta e no desejo de permanecer e lutar pela independência de seu país, mormente, pela sua identidade. Esses temas pasargadistas ou antipasargadistas não podem ser esquecidos quando se refere à literatura de Cabo Verde.

O universo mítico de Pasárgada é defendido por Maria Aparecida Santilli (1994) como uma rota feita pela literatura cabo-verdiana que se realiza não somente pela ideia de evasão (do ir embora), mas também pela recusa, isto é, pela antievasão. A autora afirma que a retomada de Pasárgada foi ilustrada pelos poetas da *Távola redonda*, onde figuravam vários poetas que se inspiraram direta ou indiretamente no poema de Manuel Bandeira com a ideia de sonho com a independência nacional. *Távola redonda* refere-se a uma revista portuguesa, com vinte fascículos, cujo principal objetivo era discutir e publicar poesia. Os números da revista foram publicados nos anos de 1950 a 1954. Exatamente no número nove figuram os poetas que dialogaram com a poesia de Manuel Bandeira, como Couto Viana, Luiz de Macedo, David Mourão, Ovídio Martins, Osvaldo Alcântara, Baltasar Lopes, como por exemplo, os poemas: “Passaporte para Pasárgada”, “Saudade de Pasárgada”, “Balada dos companheiros para Pasárgada”, “Dos humildes é o reino de Pasárgada” e “Evangelho segundo o rei de Pasárgada”, reeditados por Osvaldo Alcântara (1986). Neste grupo da revista *Távola redonda*, os poetas contestavam os ideários fechados do neorrealismo, defendendo um espaço plural e livre. Eles acreditavam que “a poesia era e é uma tábola redonda, com pão e vinho para todo povo” (SANTILLI, 1994, p. 118). Em consequência, nota-se, pelas características, uma semelhança com os ideais cultivados por Corsino Fortes em sua primeira obra intitulada *Pão e fonema*.

Nesta obra, Corsino Fortes concentra a poesia em torno do povo, do chão, e da fome como apelo e denúncia. O fonema aparece como símbolo da fala, entre outras características. As causas e as consequências da seca para o arquipélago são fortes traços da poesia de Corsino Fortes. Já em *Árvore e tambor*, o poeta evoca os elementos genesíacos sol e semente, trabalhando com a imagem e o símbolo do tambor com a força do ritmo. Em *Pedras de sol & substância*, percebe-se a forte persistência da pedra, como pedra de identidade, páscoa de pedra, pedra rolada, pedra da memória e pedra do arquiteto. O projeto do poeta em *Árvore e tambor* consiste ainda na continuidade do sonho, por vezes, com poemas para serem lidos em voz alta, como ocorre nos poemas de JCMN.

A partir de *Pedras de sol & substância*, a obra do poeta, reunida em único volume intitulado *A trilogia de a cabeça calva de Deus*, pode ser classificada como “duas águas”, já que o paraíso buscado nas obras anteriores parece ser encontrado com a libertação do povo cabo-verdiano e, sobretudo, na diferenciação do mineral contido nessa última obra, em que a pedra não é mais obstáculo e o sonho não é símbolo de nostalgia. O rupestre nessa obra pode representar a marca de retorno à língua, como na poesia de Manoel de Barros, e ainda um grande aprendizado dessa pedra, que não é mais letárgica e sim concreta. O ilhéu não é explorado na imagem castigada pela seca como nas obras anteriores, posto que se toma a água, que é símbolo de uma nova vida que se renova com o cabo-verdiano.

Nota-se que a fome, em decorrência da miséria ocasionada pela seca, corroborou para esse entrelaçar discursivo com a poesia do Nordeste brasileiro, em especial com João Cabral de Melo Neto. *Pão e fonema*, segundo Ana Mafalda Leite (2001, p. 294), representa o ideal de busca e esperança na terra e na ilha de Cabo Verde, uma vez que o itinerário do povo cabo-verdiano é o mesmo do povo nordestino em busca de pão: “o cabo-verdiano ao sair da terra (para assumir a atitude dinâmica) vai nu, sem nada, e caminha para o pão do futuro”.

Com Kellen Resende Gonçalves (2007, p. 5), reafirma-se que “a literatura do início do século XX no país Cabo Verde foi representada pelos ‘Claridosos’, fundadores da Revista *Claridade*, cujos três primeiros números saíram no ano de 1936 [...]”. Verifica-se, além disso, que na leitura de poetas de Cabo Verde há uma semelhança com a poesia do Nordeste brasileiro, no que tange a vários aspectos – a oralidade, a exploração do homem em busca de trabalho, a fome e a seca –, como em *Morte e vida severina*, de João Cabral. Observa-se que os cabo-verdianos tinham a mesma esperança que o retirante do Nordeste. Isso permite apontar a existência de

laços comuns entre a literatura brasileira e a africana de língua portuguesa, no que tange à temática social – a terra, no sentido da palavra seca e suas implicações no homem que se vê obrigado a se retirar de seu lugar (sertão) para o litoral.

A rigor, percebe-se que a obra de Corsino Fortes surge como uma necessidade de protesto contra a crise econômica, que é causada pela estiagem, mas também consequência do abandono do porto de São Vicente. Daí o grande diálogo com as obras de escritores brasileiros de 1930, que também se aproximam do neorrealismo. Nessa perspectiva, o diálogo da poesia de Cabo Verde com a brasileira ocorre de várias formas. Contudo, não se deve deixar de levar em consideração que os fatores sociais, culturais e econômicos de Cabo Verde conduziram vários escritores a aderirem à identidade nacional.

No caso de Corsino Fortes, pode-se dizer que foi um poeta que, cronologicamente, participou dos diversos momentos históricos do país. Para situá-lo no período literário, é imprescindível que se atente para algumas contextualizações sobre Cabo Verde. Os escritores cabo-verdianos, tanto em prosa como em poesia, tinham essa preocupação de denunciar essa realidade social mencionada alhures. No período colonial, a literatura passou a servir de lugar para conscientização, uma vez que na arte literária de Cabo Verde a estiagem e as conseqüências advindas dela corroboraram para a proliferação da pobreza e da desolação da paisagem. Problemas como a fome, a miséria, a terra, o povo e a nação, dentre outros males, tornaram-se conteúdos temáticos na literatura cabo-verdiana.

No artigo “Brasil: um país beijado pela brisa da poesia cabo-verdiana”, Alberico Carneiro (2005), discorrendo sobre o diálogo que os poetas de Cabo Verde estabelecem com a lírica moderna brasileira, garante que:

[...] embora o crioulo cabo-verdiano (dialeto do Português) seja falado pela totalidade da população, como unidade linguística de Cabo Verde, os escritores cabo-verdianos, a partir da década de 1930, se expressam e significam em Língua Portuguesa e, ao articularem este idioma (que é também um dialeto do português de Portugal), fazem com que seus textos dialoguem com os textos de escritores brasileiros, com os quais, por várias referências, se identificam [...].

De acordo com Carneiro (2005), vários escritores de literatura cabo-verdiana dialogaram com a literatura brasileira, mais ou menos por volta de 1930, e se estenderam até a década de 1970. Esses escritores são os seguintes: José Vicente Lopes, Osvaldo Alcântara, João Batista Rodrigues, Valdemar Valentino, Ovídio Martins, Daniel Euricles Rodrigues Spíndola, Mário Fonseca, Jorge Barbosa e Corsino

Fortes. Tais poetas veem no Brasil, além do elemento de paródia com os textos de Drummond, Manuel Bandeira e outros, as marcas e/ou laços de duas terras que se unem. Para Santilli (1994), esses poetas brasileiros, junto com Castro Alves, são fontes de paródia para muitos poetas de literatura africana de língua oficial, conforme já referido na “Introdução” deste texto.

Conforme Benjamin Abdala Júnior (2003, p. 123), existem “afinidades entre os portugueses, africanos das ex-colônias e brasileiros, desde os modernistas, como Manuel Bandeira e Jorge de Lima, até os chamados regionalistas do Nordeste, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego”. Segundo Gilberto Freyre (apud ABDALA JR., 2003, p. 121), a linguagem de autores como José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, dentre outros, recebeu vários imitadores entre os jovens de Cabo Verde.

Nesse sentido, Corsino Fortes cria uma poesia que simboliza a esperança e o sonho demarcado pelo universo de Pasárgada, da mesma forma que canta Manuel Bandeira. Sua poesia surge como uma nova esperança para o país. Não é apenas uma poesia que denuncia a barbaridade da seca, mas de nova roupagem acerca da exaltação dos valores positivos que a pátria possui. O pão é a esperança e também o símbolo que sacia a fome e rompe com a miséria. O pão é fonema, é mar, é também matrimônio e patrimônio. Pão é metaforicamente a própria palavra, um anúncio ao povo cabo-verdiano, como se comprova nos versos iniciais de *Pão e fonema*:

Um pilão fala  
Árvores de fruto  
Ao meio dia  
E tambores erguem  
Na colina  
Um coração de terra batida

E longe  
Do marulho à viola fria  
Reconheço o bemol  
Da mão doméstica  
Que solfeja

Mar & monção mar & matrimônio  
Pão pedra palmo de terra  
Pão & patrimônio.  
(FORTES, 2001, p. 17).

Na perspectiva do neorrealismo e do colonialismo, nota-se que os escritores se preocupavam em retratar a face de pobreza e miséria, ocasionada pela estiagem

ou pela seca, vinda do deserto Saara. Corsino Fortes mostra-se comprometido com esses temas em *PF* e trabalha a palavra como símbolo de nascimento, vida e esperança, como uma nova face da identidade nacional de Cabo Verde. A pátria cantada na poesia de Corsino Fortes surge como tema.

O poeta faz da palavra alimento que sacia a fome do povo cabo-verdiano. A aurora da palavra poética fortiana nasce como símbolo de esperança diante da escuridão social do país. O poeta celebra na terra um novo alvorecer em tom de aplauso e contentamento, como nos versos do poema “Quando a manhã amanhecer”:

Oh! Quando  
Oh! Quando a manhã amanhecer  
Quando a noite for mais noite  
[...] E a terra no coração  
Quando o sangue romper do corpo  
Numas árvores de braços abertos  
E a semente gritar da rocha  
Tambor de boca verde  
Na boca do povo  
E o mar bem alto! Bravo!  
(FORTES, 2001, p. 89).

Há a marca de uma poesia engajada na lírica de Corsino Fortes, mas o poeta solfeja as notas de uma poesia do povo cabo-verdiano que “grita da rocha”, “da pedra”, “do labor escravo”, que busca um canto esperançoso através do “tambor de boca verde” aplaudido pelo próprio mar na voz do povo.

Como, então, refletir sobre a lírica de Corsino Fortes diante da contextualização histórica dos períodos que demarcaram a poesia social de Cabo Verde? Para essa resposta, algumas marcas da História, sob uma perspectiva intertextual, são importantes, uma vez que, como argumenta Julia Kristeva (1971), a literatura busca verificar como o texto relê a história e nela se insere.

Ademais, conforme Kenneth Maxuell (1996), a política colonialista portuguesa nos países africanos consistia na repressão da classe trabalhadora desde o século XV, o que perdurou até o século XIX. O trabalho “escravo” era demasiadamente desumano. No século XX, ocorre uma metamorfose em forma de acordo. Isso porque, na verdade, o cabo-verdiano era contratado em Guiné Bissau e lá tinha uma vida massacrada, como escravos, nas lavouras de cacau e café. Daí por que o cabo-verdiano ora quer sair de seu país, ora almeja ficar.

Para o pesquisador Augusto Nascimento (2007), no livro *O fim do caminhu longi*, o “trabalho escravo” deve ser entendido como a falta de alternativas do cabo-verdiano, que “se via obrigado a dar o nome no contrato e alistar temporariamente

para o trabalho semi-escravo das famigeradas roças para não morrer de inanição, endêmica no arquipélago da fome que era Cabo Verde”. Note-se que a opção dos cabo-verdianos pelo contrato para São Tomé e Príncipe era voluntária. Nascimento (2007) explica o fenômeno:

[...] o retorno a S. Tomé para o cumprimento de novos contratos ou a permanência nesse território mesmo depois de findos os tempos da contratação, os quais, como sabido, perfaziam um período assaz limitado, muitas vezes [era] determinado pela duração das secas cíclicas em Cabo Verde. (NASCIMENTO, 2007, p. 6).

Além do mais, a opção pelo contrato também deve ser vista como algo ligado ao espírito de aventura, pois “os serviçais caboverdianos eram muito propensos ao encantamento com a paradisíaca exuberância do verde e das águas”. E ainda ao “contato com a paisagem das ilhas equatoriais, levando à coação extra-económica, típica e característica do trabalho servil e semi-escravo das economias coloniais e semi-coloniais de plantação”, ressalta Nascimento (2007, p. 7).

Nesse contexto deve ser considerado, ainda, de acordo com o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde, que “a dominação política e a exploração económica dos povos coloniais [havia] se tornado] mais intensas e bárbaras” (PAIGC, 1974, p. 113). E no que diz respeito ao colonialismo português, como aludido anteriormente, ele se tornou uma catástrofe maior, pois:

[...] a acentuada exploração impulsionou, ainda que tímida e silenciosamente, os intelectuais de Cabo Verde a abordarem, na literatura, os temas que castigavam o ilhéu. Essas temáticas tratadas de forma silenciosa encorajaram os escritores das décadas posteriores a 1960 a criarem um estilo. (GONÇALVES, 2007, p. 7).

O ilhéu castigado, na poesia de Corsino Fortes, é tratado de várias formas. Uma delas é na perspectiva da ausência, cujo sofrimento pode ser notado em versos como estes: “o umbigo da ilha/pergunta/sol a sol/ Por tal regato que era ao ‘se’/ da sua segura que sobrou” (p. 191). A ilha do poeta surge também como marcas do sonho vestido de imagem personificada, num contexto de esperança e sonho: “quando a ilha sonha/ E a chuva invade o sono das crianças”. Ao instaurar-se uma imagem de nova aurora, surgem novas expectativas, do nascer, do florescer, através do sonho e da chuva após o sonho, não no sentido proposto por Gaston Bachelard (1996), no que tange à poética do devaneio, mas o sonho como símbolo da esperança do povo cabo-verdiano, que busca na chuva o alimento.

A ilha, para CF, aparece ainda sob a faceta do erotismo, por intermédio de uma linguagem metafórica e visual, como se o poema fosse uma tela pintada pelo poeta:

*Ave de amor*

Quando a ilha dorme  
O espírito é esta transparência  
Com que Deus cobre  
A nudez da sua amada.  
(FORTES, 2001, p. 196; sem grifos no original).

O poeta explora a ilha, ligando as metáforas à plasticidade de uma imagem mesclada com o profano e o sagrado, como se nota no seguinte verso: “Deus cobre a nudez de sua amada”. Para Maurice Blanchot (1987, p. 231), em *O espaço literário*, o sagrado aparece como necessidade da obra literária:

O poema denomina o sagrado como o inominável [...] é, envolto, dissimulado no véu do canto; o poema apaga-se diante do sagrado que denomina. Portanto, a obra está inteiramente escondida na profunda presença do deus e visível em virtude da ausência e obscuridade do divino.

Após essa contextualização do poeta Corsino Fortes no que diz respeito a sua temática, estilo e características, convém situá-lo no contexto histórico-literário da lírica cabo-verdiana, o que exige discorrer sobre os períodos que marcaram essa poesia. Nessa perspectiva, o período Claridoso, representado pela revista *Claridade*, foi importantíssimo para a produção artística em Cabo Verde. De acordo com o Instituto Camões, do ponto de vista literário, a revista *Claridade* constitui-se como baliza da contemporaneidade estética e linguística, superando o conflito entre o “antigo” e o “moderno”, isto é, entre o Classicismo/Romantismo de referente português, dominante durante o século XIX, e o novo Realismo. Isso porque, segundo os temas que os autores abordavam, tinha como objetivo conscientizar o povo sobre a problemática do arquipélago, como a seca e suas consequências. A lírica de Cabo Verde passa pelos três períodos – Pré-claridosos, Claridosos e Pós-claridosos –, conforme a divisão histórica da literatura produzida no país Cabo Verde. Desse modo, a revista *Claridade* pode ser tomada como importante referencial para situar o poeta Corsino Fortes no contexto histórico da poesia cabo-verdiana e apontar suas implicações estéticas. Isso porque, com o acirramento da luta pela independência política do arquipélago, o evasãoismo foi tomado como uma fraqueza de resignação

dos integrantes da *Claridade*, como explica Julio César Machado de Paula (2005, p. 75), no texto “O mito de Pasárgada em Cabo Verde”:

A postura crítica que tais autores demonstraram com relação aos claridosos e, naturalmente, aos seus valores e ideais literários, fez com que viessem à luz poemas, ensaios e manifestos contrários aos que se considerou, então, uma literatura *evasiva*, do *evasionismo* ou, ainda, *pasargadista*. Esboçado na revista *Certeza*, de cunho neo-realista, o repúdio utópico dos claridosos e, conseqüentemente, ao mito de *Pasárgada*, ganharia corpo com o *Suplemento Cultural* (1955) e com *Sêló* (1966), atingindo seu ponto máximo no acalorado manifesto “Consciencialização na Literatura Caboverdiana”, de Onésimo Silveira. Após duras críticas ao evasionismo e ao grupo inicial de *Claridade*, define-se sua geração pela seguinte máxima, grafada em letras maiúsculas: “ESTA É A GERAÇÃO QUE NÃO VAI PARA PASÁRGADA”. (PAULA, 2005, p. 75, grifos no original).

A geração da *Claridade* foi a que se responsabilizou pelo lançamento dos alicerces da nova poesia, que depois é continuada pelos escritores que colaboram em outras duas publicações, como *Certeza* (1944) e *Suplemento Cultural* (1958). A geração da *Claridade* possibilitou o aumento de influência de grande parte da produção poética e ficcionista de Cabo Verde. E, segundo José Francisco Costa (2006), Corsino Fortes é um dos importantes poetas desse período:

O salto qualitativo e a ruptura com a influência dos claridosos devem-se a dois escritores que chegaram a participar na revista *Claridade*. Estou a referir-me a João Varela (aliás João Vário, aliás Timóteo Tio Tiofe), que publicou, em 1975, *O primeiro livro de Notcha*, e Corsino Fortes, autor de dois importantes trabalhos poéticos, *Pão e Fonema* (1975) e *Árvore e Tambor* (1985). É, sobretudo, Corsino Fortes que provoca o maior desvio de conteúdo temático e formal. O livro *Pão e Fonema* deixa perceber a intenção do autor em reescrever a história do povo em termos de epopéia. O livro abre com uma Proposição que constitui, por si só, uma demarcação da poesia de tipo estático dos claridosos. (Sem grifos no original).

A importância dos Claridosos deve-se também ao engajamento social do grupo e ao seu desenvolvimento estético. Esse foi o movimento que mais marcou a literatura cabo-verdiana. Já os Pós-claridosos “culpavam a literatura dos Claridosos de expor os aspectos trágicos da realidade de Cabo Verde sem, contudo, apontar os responsáveis por eles [...]” (GONÇALVES, 2007, p. 8).

É nesse contexto social, de repressão e tragédia, que grande parte da ficção, tanto na poesia quanto na narrativa, irá se concentrar. Trata-se, por conseguinte, na visão de Gonçalves (2007, p. 9) “de um aspecto importante dessa literatura não só em

Cabo Verde como também no Brasil e em Portugal que viveram momentos de represália”.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a poesia de Corsino Fortes concebe a terra como marca de uma identidade nacional, demarcando a face da exploração do trabalho, da fome, como indícios de uma poesia de engajamento social dos Claridosos. Não obstante, surge como uma renovação na lírica de Cabo Verde, em virtude de trazer à ilha uma expectativa de nova aurora.

Na poesia de CF, Cabo Verde é banhado pela beleza e pela superação da fome e da miséria abordadas por Manuel Lopes em *Os flagelados do vento leste*. O sujeito lírico retrata essa mudança que se vê nos seguintes versos:

*Já não somos  
Os flagelados do vento leste  
Que de fome não morra jamais  
A ação escreve o pensamento  
Deste cabo  
Deste teatro  
verde de vida.  
(FORTES, 2001, p. 203; sem grifos no original).*

Com a poesia de Corsino Fortes, introduz-se “uma importante reformulação na linha temática cabo-verdiana, não só pela insistência no antievasionismo, dando lugar à procura de Pasárgada no interior do arquipélago”, conforme elucida Ana Mafalda Leite (2001, p. 299) no Posfácio de *A cabeça calva de Deus*. Em outras palavras, a poesia fortiana “abandona” a temática dos flagelados retratados na prosa de Manuel Lopes e pinta uma tela poética visual como uma encenação da vida, tendo em vista o Arquipélago como um “teatro verde de vida”. O canto que se ouve é o seguinte: “Já não somos os flagelados do vento leste”; por excelência, uma imagem que se metaforiza com uma ação positiva da memória coletiva na representação do povo cabo-verdiano. Efetivamente, o homem cabo-verdiano, preocupado com a luta e comprometido com a busca pela libertação do próprio país, torna-se um grande motivo de canto na obra de Corsino Fortes, porque evidencia também traços de um antievasionismo:

*Emigrante*

Vai E planta  
na boca d’Amilcar morto  
Este punhado de agrião  
E solver golo a golo  
uma fonética de frescura

E com as vírgulas da rua  
com as sílabas de porta em porta  
Varrerás antes da noite  
Os caminhos que vão  
até às escolas nocturnas  
Que toda a partida é alfabeto que nasce  
todo o regresso é nação que soletra.  
(FORTES, 2001, p. 40).

Como se nota, o poeta Corsino Fortes dirige-se ao homem cabo-verdiano no universo insular por intermédio da imperatividade do verbo, no verso: “Vai e Planta”. A partir do verbo “solver” instaura-se a liberdade pelo fato de esta só ser possível graças à luta do cabo-verdiano em face da terra. Em outras palavras, a escolha simbólica do agrião não é por acaso. Assim como o agrião nasce espontaneamente da terra, essa libertação do homem cabo-verdiano deve partir da luta significativa em Almíscar (citado no poema). Ora, Amílcar Cabral é citado recorrentemente na obra de Corsino Fortes e de outros poetas de Cabo Verde, pois se trata de um dos líderes africanos que deixou contribuições teóricas acerca do anticolonialismo, em virtude de um “socialismo africano”.

Como elemento da subjetividade, pode-se asseverar que a poesia de Corsino Fortes seduz pelo erotismo expresso através da mulher mestiça cabo-verdiana e pelo telurismo: duas linhas que se fundem. As ilhas representam peculiaridades da sedução feminina; são mulheres sedutoras que equivalem à Vênus ou a mães férteis, ainda que a terra seja árida. Nesta veia erótica o milho surge como celebração do telúrico. Efetivamente, este cereal na lírica cabo-verdiana é importante tanto no aspecto material quanto cultural. Na obra *Cabo Verde: insularidade e literatura*, Manuel Veiga (2007, p. 10) discorre sobre o ciclo do milho nas ilhas e esclarece que, no chão pedregoso da crioulidade, o cereal representa o alimento e o sofrimento:

[...] o milho inaugura a faina agrícola com o seu típico ciclo de “Azagua”, mas também o início de uma caminhada que só de raro em raro transforma a partida em chegada, o sonho em realidade. A terra é engravidada através da virilidade da enxada do lavrador e da fecundidade das mãos e dos pés da mulher-parceira que não só prepara a semente, mas também a aconchega no útero da terra.

De fato, o milho denota a fecundação, a ruptura com a fome, perfazendo a chegada do alimento e o fim do sofrimento:

O milho é datio pro solventi  
Com o timbre de moeda na retina  
A usura dos mercados debaixo da língua



barbaridades da seca e do abandono das ilhas pelos colonialistas, mas ao mesmo tempo, o poeta exalta os valores positivos que a pátria possui, incluindo a memória coletiva. Essa coletividade reside no adorno das metáforas do pão que simboliza a esperança do cabo-verdiano e o saciar da fome. A significação da metáfora também remete à ideia de que o pão vai além do signo, pois ele simboliza fonema, mar, matrimônio, patrimônio e a própria palavra que se constitui como imagem poética revivida pelo leitor, pois “o poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um leitor novo”. (PAZ, 1972, p. 57).

## REFERÊNCIAS:

- ABDALA JÚNIOR, B. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia: Ateliê, 2003.
- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Panesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CARNEIRO, A. *Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*. Edição 21. Doc. 1º de dezembro de 2005. Disponível em: <<http://www.simonecaputo.com/corsinofortes.html>> Acesso em: 22 jul. 2008.
- COSTA, J. F. *Poesia africana e língua portuguesa*. Postado em 5 abr. 2006. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios>>. Acesso em: 15 fev. 2008.
- FORTES, C. *A cabeça calva de Deus*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- FRANÇA, A. A literatura caboverdiana no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa. In: CRISTÓVÃO, F.; FERRAZ, M. de L.; CARVALHO, A. *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Edições Cosmos: Lisboa, 1997. p. 54-61.
- GONÇALVES, K. R. A literatura no processo de criação da identidade nacional de Cabo Verde. SIMPÓSIO INTERNACIONAL CULTURA E IDENTIDADES, 3., Goiânia. *Anais...* Faculdade de História da UFG, 2007. p. 1-17.
- KRISTEVA, J. *Ensaio de semiologia*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Eldorado, 1971.
- LEITE, A. M. Árvore e Tambor ou a reinvenção da terra cabo-verdiana. In: FORTES, Corsino. *Árvore e tambor*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1986. p. 7-19.
- \_\_\_\_\_. A cabeça calva de Deus: uma trilogia épica fundacional. In: \_\_\_\_\_. *A cabeça calva de Deus*. Lisboa: Dom Quixote, 2001. p. 288-296.

MAXUEL, K. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

NASCIMENTO, A. *O Fim do Caminhu Longi*. Livro apresentado em Cerimônia no dia 19 de Setembro de 2007. Casa Fernando Pessoa: Campo de Ourique, Lisboa. RDP-África. Disponível em: <<http://www.embcv.org.br/portal>>. Acesso em: 17 fev. 2009.

PAIGC: Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde. In: CABRAL, A. et al. *Governo de Cabo Verde: 1974*. Disponível em: <http://www.paigc.org/index/s8.htm>>. Acesso em: 13 set. 2007.

PAULA, J. C. M. De terra-longe à Pasárgada: a supressão utópica. In: *Manuel Bandeira e Claridade: confluências literárias entre o Modernismo brasileiro e o cabo-verdiano*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 75-87.

PAZ, O. A consagração do instante. In: *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.51-62.

RASTEIRO, J. Corsino Fortes e João Cabral de Melo Neto ou os artífices da palavra. Disponível em: <<http://www.simonecaputo.com/corsinofortes.html>>. Acesso em: 9 jan. 2008.

SAID, E. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SANTILLI, M. A. *Africanidades: contornos literários*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. Viagens textuais. Um percurso: América–África–Europa (Da “Pasárgada” de Manuel Bandeira). In: \_\_\_\_\_ *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, v. 2, 1994. p. 109-121.

SECCO, C. L. T. R. Construção e reencontro – o ensino e a pesquisa das literaturas africanas nos cursos de letras. *Revista Scripta: Dossiê literaturas africanas de língua portuguesa*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 179-184. 2004. Parte 3.

\_\_\_\_\_. Sob a égide de Antígona: a dimensão trágica do lirismo cabo-verdiano de Vera Duarte. *Revista Scripta: Dossiê literaturas africanas de língua portuguesa*, Belo Horizonte, v. 8, p. 215-225, 2004. Parte 3.

SEMEDO, J. M. *Estado Nação e os desafios da integração regional: o caso de Cabo Verde*. Disponível em: <<http://www.fundacaoalmiscarcabral.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

TURANO, M. Identidade e literatura: a poesia de Corsino Fortes (uma aproximação antropológica). In: CRISTÓVÃO, F.; FERRAZ, M. de L.; CARVALHO, A. *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Edições Cosmos: Lisboa, 1997. p. 485-488.

VEIGA, M. *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Editora Kasthala, 2007. Disponível em: <<http://www.books.google.com.br>>. Acesso em: 17 fev. 2009.